

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 no bairro de Aguiria, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou em várias instituições, na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1917, foi eleito presidente da Faculdade de Direito do Pará.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou as seguintes obras: *Os Dias* (1911), *Os Dias* (1912), *Os Dias* (1913), *Os Dias* (1914), *Os Dias* (1915), *Os Dias* (1916), *Os Dias* (1917), *Os Dias* (1918), *Os Dias* (1919), *Os Dias* (1920), *Os Dias* (1921), *Os Dias* (1922), *Os Dias* (1923).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Após a publicação desta obra, quando foi eleito presidente do conselho, surgiu a ideia de uma antologia dos poetas cearenses. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, e de Zé, poeta cearense, criou-se o quadro acadêmico, ocasião em que se reuniu a Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAPIQUE

LEONARDO MELO
1911

Vence a Paz e o Direito,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos bens,
Trazendo a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Pátria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna dos pássaros.

PAPI JÚNIOR

Antônio Papi Júnior nasceu no Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1854 e faleceu em Fortaleza no dia 30 de novembro de 1934, aos 80 anos de idade. Como sargento de Artilharia do Exército Imperial, veio jovem para Fortaleza, onde fixou residência e constituiu família. Exerceu toda a sua atividade profissional no comércio e no magistério tendo ensinado várias disciplinas no Liceu do Ceará.

Foi romancista, teatrólogo, contista, crítico e poeta. Teve uma intensa atividade literária e, em companhia de outros intelectuais, fundou jornais e revistas como *O Domingo*, *A Avenida* e *O Ceará Ilustrado*. Seu primeiro romance *O Simas*, publicado em 1898, teve reconhecimento nacional. Outras obras: *Gêmeos*, 1914; *Sem crime*, 1920; *A casa de azulejos*, 1927; *Almas excêntricas*, 1931; e *Contos*, 1954. Publicou, em 1925, o livro de poesias *Teatro – Episódios dramáticos*, composto de dois longos poemas *Romance antigo* e *Coroa*, dos quais foram apresentados somente o início e o trecho final do segundo poema.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922. Ocupou a cadeira 34 na primeira reorganização e, na segunda, a 27, cujo patrono era o romancista Oliveira Paiva. Em 1951 foi escolhido patrono da cadeira número 5 da ACL. Pertenceu ao Centro Literário.

COROA

(EPISÓDIO HISTÓRICO)

Conheceram o cabo Malaquias?

Não, de certo...

Morreu há poucos dias.

Fui-lhe ao enterro... simplice... dos pobres...

Sem ouropéis, sem círios e sem dobres,

Sem coroas vistosas no caixão.

Não era nobre, e menos um magnata,

Político da flor, gente da nata,

Que merecesse hissopo ou cantochão,

Necrológios em pós, versos, talvez.

Era apenas, um cabo reformado,

A quem a Nação dava, de mau grado,

Seis mil reis por mês.

.....

- *O Imperador partira a bordo do "Alagoas."*
Era tirar, de vez, dos quepes as coroas. —

*No bulício veloz que a ordem promoveu,
Só um homem, de pé, o busto não mexeu.
Era ele, que altivo, em forma, perfilado,
Tinha a coroa a brilhar no quepe envernizado:*

-Cabo! Vamos!... Ouviste ler?

-Ouvi.

- E... então?...

*Ele apontou somente a destra ao coração.
No silêncio, porém, o seu protesto ecoa.*

*Num círculo de esmalte e rosas, a coroa
Esculpe-lhe na arca a fulgurante coma.
Num gesto de dever, a gratidão assoma
Naquela alma já velha, e, todavia, em flor
Para a fé, para a crença, a se evolar de amor,
Mas desse amor sublime, imponderável, forte,
Que à Pátria dá heróis, e aos heróis uma coorte.*

*O oficial, no entretanto, em riste, ia esperando,
Pela face tranqüila os risos desatando,
Mas, depois, a sorrir, mas, decisivamente...
Tirou-lhe ao quepe altivo o lema dirimente,
O signo da Nação num tûmulo caído,
Que retiniu no chão com lûgubre gemido.*

*E ele, solene, lívido e sombrio,
A sacudir da frente um desafio,
Hesitante e feroz, erguia ao ar
As pupilas sinistras do jaguar.
Num gesto de rezar, curvando a perna
No mosaico florido da caserna,
Foi apanhar o símbolo doirado,
E beija-o muitas vezes, revoltado,
Para exclamar depois, num estertor:*

- Viva a Pátria!...

Mas viva o Imperador!!!

.....
*E, destarte, acabou-se o cabo Malaquias,
Morreu há pouco tempo ... acerca de dez dias.*